

O ESPOZENDENSE

Este numero foi visado pela comissao de censura.

Semanario republicano, independente, defensor dos interesses deste concelho

Director, adm e propriet.—José da Silva Vieira.—Redactor no Brazil: A. Ciras.—Editora—Ana da Silva Vieira Composição e impressão.—Typ. Espozendeuse—Espozende

Assinatura: Ann., sem estaq. pilha 8\$000 rs. — Com esta pilha e para fóra 10\$000 rs. — Brasil, (Moeda forte), 30\$000 rs. — Colonias Portuguezas, 25\$000 rs. — Numero avulso 200 rs. — Pagamento adiantado. Redacção e administração — Rua Veiga Beirão, 7 a 9 — Espozende.



Anuncios: Judiciaes: linha ou esp. de linha \$15 cent. — Anuncios particulares: linha \$70 Comum. ou reclames, linha \$50 c. Imposto do selo, cada publicação 15 c. — Reclames a obras literarias mediante um exemplar. Não se restituem originaes não publicados.

* * DECANO DOS JORNAIS DO DISTRITO DE BRAGA * *

POLITICA NOVA

Crepusculo do comunismo

Alem destas oportunas reflexões, o caso do Chile sugere-nos outras. Muitos espiritos fracos e medrosos vivem sob o peşadelo do triunfo comunista. Supõem que o *figurino russo* tende a predominar em todo o universo moderno. E ao verem o Chile, na semana passada, enveredar por esse caminho, logo imaginaram que o incendio, grassando no continente americano, chegaria mesmo, talvez, num futuro proximo, a comunicar-se à Europa.

Veem agora esses fracos e medrosos espiritos, a inandade dos seus receios.

O comunismo está em **crepusculo definitivo**. Mesmo na Russia, só na apparencia existe; de facto, a Ditadura unipessoal de Estaline já o suprimiu há muito.

O comunismo está em **definitivo crepusculo**. Foi um produto ocasional das fermentações e decomposições da Grande Guerra. A nova Europa, o novo Mundo, buscam outras soluções, equilibradas e construtivas.

A experiencia do Chile, rapida como foi, teve até, uma incontestavel utilidade. Decerto não pensarão em repeti-la, agora os países vizinhos da America do Sul...

TEOTONIO DA FONSECA

Espozende e o seu concelho

GANDRA

VI

(Continuação)

Corre na tradição que a construção da nova Igreja esteve projectada no lugar do Matinho, um pouco mais ao sul, mas que, demolido o velho templo e formando-se uma grande *acarretada* para o transporte da pedra e outros materiais que tinham servido nas antigas edificações, in-

do os carros numa grande fila ao passarem no sitio onde hoje está a Igreja quebrou a roda do da frente, tombando e abstruindo o caminho

Tudo parou e a gente que acampanhava a carretada correu ao sitio do desastre.

Quando porém começaram a trabalhar para porem em movimento aquele grande comboio alguém aventou a ideia de que a vontade de Deus talvez fosse ser a Igreja construida ali e não em outro lugar, com o sinistro se poderia conjecturar.

Todos concordaram, uns por crença, outros por comodismo de não irem mais longe.

Descarregaram então os materiais transportados e deram principio á construção do novo templo.

O sitio onde esteve a antiga Igreja ficou sendo conhecido mais tarde pela nome de «Olival», das muitas oliveiras que continha, cujo rendimento era de uma confraria.

Este terreno passando para a posse de particular foi cultivado, arrancando-se as oliveiras.

Na occasião desses trabalhos foram encontradas ali ossadas humanas e vestigios de construções.

Perto daquele sitio, no lugar do Cruzeiro, conservou-se por muito tempo uma cruz na base da qual tem gravados os algarismos IIII.

Disseram-me, quando passei por esta freguesia, que era a data da sua ereção, o que me parece pouco provavel.

Não será antes o *quatro* escrito daquela forma, de qualquer via-sacra que ali houvesse?

Esta cruz está actualmente levantada no cemiterio paroquial para onde foi mudada quando da sua construção.

O actual templo é românico, ainda que um pouco deturpado pelas reformecas subsequentes, denotando ainda assim muita antiguidade: é baixo e sobre o comprido. Está cercado de adro, fechado por parede, tendo na porta de serventia um fójo.

Ao lado esquerdo ergue-se um modesto torreosinho para um sino e do lado direito as

SCENAS DA VIDA REAL

O TRIUNFO DO MAL

(Os doidos também tem a sua literatura?)

(Continuação).

Cap. II

Disse que estava num hospital de Alienados... E' verdade; porém, eu não estou doido varrido. Meteram-me aqui por julgar que cometia uma acção má acabando com um miseravel que morria aos poucos na valeta poeirenta duma estrada, num sofrimento atroz.

Afinal enganei-me: errare humanum est...

Levaram-me entre dois soldados de baioneta nua rebrilhando ao sol, ao maldito sol que fecunda o pão das searas loiras.

Lembro-me perfeitamente de insultar o juizem pleno tribunal, de rasgar as fólhas azuladas dos processos, de rir, de rir como um doido da justiça dos homens... Mas eu não estava doido. Discorria lucidamente, como sacristias.

Os tectos da capela mór são em madeira em caixotões e os do corpo da Igreja em estuque.

O altar mór é em rica talha estilo barrôco, bem como os dois laterais junto ao arco cruzeiro. Seguem-se-lhes a estes outro dois altares em talha também antiga mas mais simples e modernamente foi construido mais abaixo um outro que destoa por completo do resto da Igreja.

O batisterio é simples.

Perto da Igreja, um pouco ao sul, está o Cruzeiro Paroquial, simples e modesto.

Ao norte foi construido o Cemiterio Paroquial, vendo por cima do portão a data 1885.

A Residencia Paroquial ficava ainda mais ao norte, distante da Igreja, a qual foi vendida quando da desamortisação dos bens eclesiaísticos ha poucos anos.

Nesta freguesia ha apenas uma capela: a de *Nossa Senhora de Guadalupe*, no lugar do Souto.

(Continúa)

qualquer mortal. E quando, num furibundo acesso de revolta, estendendo os punhos cerrados para a estátua marmôrea da Justiça de olhos vendados, espada e balança, bradei para a audiencia: — «Justiça é sinonimo de crime!» levaram-me perante um Conselho médico, especialistas de desequilibrios mentais.

Submeteram-me a torturas mil, todas rotuladas com o carimbo azul da sciência.

Ouvi o conselho dar a ordem inadiavel de me encenarem, sob prisão, numa casa de doidos... Sob prisão, numa casa de doidos?

Pois experimentem. Eu indico-lhes o processo mais facil de entrar para lá: na praça pública, quando o movimento for mais intenso, gritem com toda a força dos pulmões:

— «Sou bom! Nunca me canço de fazer bem!»

* *

O meu aposento, ou antes, a minha jaula, porque eu agora sou mais do que uma fera...; a minha jaula tem uma janela e uma porta. A porta tem uma sentinela armada e a enfermaria, quando a transpô, nunca vem só. A janela gradeada deita sobre a cêrca. Mesmo por por baixo della, os meus olhos sinistros hipnotizam, estarrecem de medo, as aves que papeiam na ramaria tenue a loira das acácias olozantes

Cantam ao romper do sol, na suavidade primaveril das madrugada de oiro e cantam ao anoitecer, na tristeza tumular da natureza. E' daqui, desta janela maldita, (maldita porque me dá o consolação de ver a vida) que nas noites estreladas levanto os punhos aos ceus, blasfemando! E' daqui, desta janela bem dita, (bem dita porque me rouba o direito de vaguear na liberdade) que escuto, docilmente, como um tigre morfimizado, a voz canalha da minha prevertida enfermeira.

Imaginem que chegou a apaixonar-se por mim! Os seus olhos azueis como os lagos tranquilos da Islândia, perlavam-se de lágrimas, tristemente, se no fim dum beijo longo, sensual, bestial, eu a repelia para a porta

fuzilando olhares de ódio!...

Um dia, um belo dia de maio, enquanto eu aspirava deliciado as fragrantas exalações das acacias da cerca e ouvia abstraidamente as hossanas das aves nas frondanias do parque nesse belo dia luminoso e quente, Sôror Béatrice, a minha enfermeira, tocou-me ao de leve no ombro com a sua mãozita fina, alongada e branca como os lírios brancos dos monturos.

Acordei da mina atonja e o-lheia.

Ela sorria com um sorriso mau, um terrível sorriso de ódio e de vingança que fez estremecer de infavel gozo todas as fibras do meu coração.

E a sua voz, dantes melodiosa como o som das teorbas e das avenas na sua religiosidade ascética dos campos, era agora sibilina como a voz de Locusta e tinha as vibrações de um látego de som!

E odiamo-nos mutuamente; o ódio era o nosso amor!

Fizemos um pelo outro o que não faria Torquemada por um judeu.

Os nossos idílios eram madrigais de improperios e litánias de blasfémias.

Os nossos encontros davam-se, não á luz seráfica da lua, tamizada através da renda verde do arvoredo, mas nas noites procelosas em que o ódio dos elementos deescadeava sobre a terra um Etna de fogo e lava e o embate monstruoso dos titans abre uma luta de morte.

Lembro-me, como se fôsse agora, de Sôror Béatrice me ter perguntado:

—Porque não te vais embora?

Eu respondi encolhendo os ombros, um sorriso indefinível a abrir-me a bôca numa senda hedionda de tragédia:

—Não vou, porque não quero! Estou muito bem aqui...

—Ouve, ouve... já não te odeio!...

Tremi de cólera.

Ela sorriu sob a coifa branca do hábito, coma uma rosa fanada sob um docel de lírios brancos.

E roçando os lábios breves pela cartilagem insensível das miabas orelhas, ciciou, requebrando o corpo flexível de fêmea sensual nos meus braços de fauno:

—Abomino-te!

Rejubilei! No amor, chegase á idolatria; no ódio á abominação!

Num beijo da alma para a alma, dei-lhe todo o veneno da minha maldade no mais perfeito grau de refinação, para que fôsse igual a mim.

Apertei-a nos braços lubricamente, sádicamente, maldosamente! Os nossos corpos fundiram-se e nas nossas veias correu o mesmo ódio e o mesmo gozo!

E na noite tonitroante desse inverno, (porque isto passou-se á noite) na rigidez celular do meu apozento, o leito ranceu de desespero sob dois corpos nus que a serpente verde do ódio uniu nos seus élos de gelo, como um Lacoonte de raiva!

Sai do Manicómio e entrei noutro: a Sociedade...

Nunca mais tive noticias de Sôror Béatrice, nunca mais!

Entendeu que devia abandonar-me.

Abandonar-me? Eu nunca fico só! Quando muito ficarei comigo, mas só, nunca!

Ha um ano, dois anos, sei lá quantos anos já, que sai do Manicómio!

Tenho feito coisas abomináveis! Logo que me deram alta, cravei uma faca de cosinha no coração do director. Pois o gajo não me disse que tinha pena de mim? Patife!

Fui eu o autor de quatro atentados contra quatro patifes altamente colocados na escala das categorías sociais: um era Papa; outro imperador; o terceiro milionário e o quarto bôbo.

Incendiei Troia, não falando do Dilúvio que não passou duma vingança tôrpe de um assassino que habita as celestes esferas: Deus!

Disse há minutos que tentei contra a vida de um bôbo... Não me dizem porque? Matei porque quiz, por prazer, por distração... ¿Então eu não terei direito de me distrair matando homens, (eu não sou homem, sou doido) quando os homens se distraem matando os outros animais, sendo uns e outros criações do mesmo lódo?

Francamente; cada vez tenho mais asco á sociedade! ¿Para que serve um rei, um imperador, um Deus; para que serve uma crença, uma justiça e uma lei; para que serve uma fronteira e uma ambição, se a morte anárquica e cruel rasoira tudo com a mesma foice, e tudo envolve no misterio insondavel do além-túmulo?

Olha como eu sou doido! Além-túmulo! Que além-túmulo, nem qual carapuça! Falar em além-túmulo, é admitir que em todo o ser vivente exista qualquer coisa de imponderável e imortal a que chamam alma! Ora eu não admito o triunfo da alma sobre a morte.

¿Acaso uma alma num corpo morto recolherá em si sentimentos bons e maus? Não! Tres

vezes não!

Podem rir-se para aí do que eu digo, podem chamar-me ignorante, ou doido, que eu bradarei sempre numa ironica risada:

—«A alma morre com o corpo».

Não façam caso do que eu digo; o ódio é quem me faz assim incoerente.

Eu sei que não ligo duas ideias; mas também sei que tenho prégado muitas verdades... E' a sombra maquiavelica da minha alma listrada de relampagos verde-azuis curvilíneos, e concentricas fosforencias...

Tenho a cabeça a arder em febre; julgo mesmo que estas palavras são filhas do delirio.

Não vejo nada... Quero chorar e das minhas palpebras encovadas caem gôtas de sangue.

Ouço uma voz estranha aos meus ouvidos, ao mesmo tempo suave como trilo das aves ao sol-pôr e terrível como o tonitroar dos malhos sobre os colinais bigornas das forjas dos Cyclopes... E' ela... Reconheço-lhe a Voz! Os seus lábios roçam-me voluptuosamente a cartilagem insensível das orelhas, num cício:

—Abomino-te!

E tenho a impressão de que me deitam num leito fôfo e me cobrem com «edredons» de penas e me alimentam com iguarias divinas...

A' minha cabeceira falam em voz baixa, com medo de me afigirem.

Não sei...mas parece que estou cego! Ah! que alegria! Não posso ver a miséria humana! Olho para dentro de mim, porque só eu existo. A's vezes sento-me no leito, inclinado sobre o respaldar almofadado e tento abrir as palpebras... Quê! Estou cego, completamente cego... Duas vezes cego:—Cego da vista e cego de ódio; pudesse eu cevá-lo numa fúria tremenda na pessoa daqueles que me tratam tam carinhosamente! Pudesse eu!

Logo que melhore, testemunhar-lhes-ei a minha gratidão de canalha, de patife, de bandido com uma série de crimes. Então há lá direito de restituir á vida um corpo a quem vai faltando a luz do olhar!

Corja de estúpidos! Porque não me deixaram morrer?

Cap. III

Afinal, não morri. E vim a saber que também não estava cego. Era o delirio da febre... A casa boa que me abrigou foi por mim incendiada; quatro bombeiros que se esforçavam por salvar uma criança das chamas rolaram espantados sob os

tétos que abatiam fragorosamente.

Bem feito! Estão fartos de saber que as recompensas do Bem são todas assim.

A criança salvou-se. Fui eu quem a salvei, mas não pensem que esta minha ação foi boa. E não o foi, porque a criança era filha de dois entes onde o mal suplantara o bem: Sôror Beatrice e eu. Em suma era o filho do Mal... O polvo gigantesco principiava assim a estender sobre o globo os seus raios vermelhos, e a fixar as ventosas lóbregas á sua superficie.

Devo esclarecer que Béatrice já não era freira. Deixou-se disso. A casa que incendiei era dela, era um palácio grandioso de que resta apenas um montão de cinzas.

Quanto a ela estrangulei-a; estrangulei-a, porque—que diabo! estou farto de o dizer!—praticou uma boa ação.

¿Não me tinha segredado, ela, no Manicómio, que para todo e sempre seria má como um Leviathan de maldade?

Ainda ouço os seus gemidos roucos saindo da alabastrina garganta que as minhas mãos apertavam; ainda estou a vêr o seu cabelo negro rolando a sua tenebrosa escuridão sobre as espáduas de luar e sobre as pomas rosadas de Frineia...

Baixei-me até poder segredar-lhe rancorosamente, quando ela já estertorizava no chão:

—Morres, maldita, morres porque foste boa...vês agora a enormidade do que fizeste?

E ela, tendo nos lábios róxos um sorriso de mágua e nos olhos motríços o derradeiro clarão da vida que se esvai, retrucou plangentemente:

—Eu nunca té odiei, nunca te abominei... Amei-te e adorei-te como a um Deus Titan. Porisso me fiz má como o teu coração mau, porque êsse era o teu gosto, o gosto do meu Senhor...

E morreu.

Soltei uma risada que abalou as ruínas fumegantes e, estendendo-me sobre o corpo rôxo da morta, trinqueei-lhe a lingua á dentada, vazei-lhe os olhos vitreos com os dedos e num acesso de fúria e de loucura escarrei naquele rôsto hediondo pela derradeira vez!

Já veem que sou mau, refinadamente mau.

Tudo o que executo é premeditado; sou como o tigre que mede o salto que vai dar sobre a garganta tremante da vítima.

Conheço um imbecil que anda a pedir esmola e a morrer de fome, porque é bom.

¿Vale a pena ser-se bom? Já

veem que não. Por isso sou mau, refinadamente mau...

FIM.

PELO CONCELHO

MARINHAS, 23.

Todos viram no numero passado duas grandes gralhas, e deixaram-nas passar.

Uma foi em vez de abalo á arvore—sain óbulo; outra foi em lugar de Delfino sain Daniel. Que este nos perdoe, e aquele nos desculpe.

—No domingo passado recebeu o baptismo, tomando o nome de Maria, uma filhinha do nosso amigo Francisco G. Patrão e Margarida M. Domingues.

Foram padrinhos Serafim M. Capitão de S. Bartolomeu, e a menina Maria M. Domingues (Prudência. Parabens.

—Um abraço até estalar-lhe as costêlas a «Um lavrador»—autor da carta, na «Tribuna Livre», deste jornal, no numero transato. Foi couro e cabelo, e é assim mesmo e até era necessario, porque a saude... assim o exige. Mas permita-me, senhor director, repetir duas cozinhas do correspondente «Um lavrador». Dizia este que o correspondente das Marinhas no «Cavado» estava peor da perna.

Olhe colega que o mal não vem dal, e antes fôsse; até êle é capaz de o confessar.

O grande mal para êles, operários, foi deixarem-se levar por maus conselheiros, como eu já a tempos o disse, nas colunas deste jornal. São rapazes, coitados, não tem que fazer, e... as obras da nossa Igreja tanto tempo paralizadas! Não quero, de modo algum, condenar a Associação Operaria, não e até acho bem e justo, como a Associação Agricola e demais associações mas está a primeira disposta e resolvida a trabalhar, como a segunda? Vê-se o cuidado da 1.ª, que ha na 2.ª?

Trabalham as mesmas horas, pensam nas mesmas distrações, mofam os associados da 2.ª da 1.ª, como estes daqueles, de quem precisam? E a educação? Porque não filiar-se a 1.ª Associação á 2.ª e não esta aquela, como dizia o correspondente desta freguezia no «Cavado»? E' a parte que deve juntar-se ao todo, e não o todo á parte. Que diabo andam sempre ao contrario. Para que foram construir casa tão cedo? Se a união faz a força, e é certo, para que se separaram? Não é isso verdade? Não vejais em mim, com isto, operários e conterraneos, um inimigo vosso, como alguém pensa, ou mesmo vós podeis pensar, não. Crêde que estarei com vosco, mas não enquanto continuardes com a orientação e pensar que levais. Olhai rapazes: O correspondente das Marinhas no «Cavado» de 20 de março p. passado, numero 633 dizia nas vespuras de erguerem a sua bandeira que a Associação operaria tinha em vista organizar um passeio anualmente, pelo que lhe dava os parabens. Se vós pensais que da união vem o dinheiro! Achais bem isso? E' possível que todos, na occasião estive-

sem de acordo. Mas não haveria arrependidos? Com certeza. Como o correspondente «Um lavrador» já disse tudo tudo, eu digo apenas, *Ninguém as diga.*

E' que muitos diziam: o Senhor nos livre de trabalhos, e os trabalhos diminuiram—8 horas. Mas continuamos a ouvir a cada passo. O Senhor nos livre de trabalhos, e acabaram-se os trabalhos. Ai tem o que pediam. Com a Associação conseguiram dinheiro como dizia «Um lavrador». Unam-se, e saibam-se unir, e sereis mais felizes. C.

Anuncios judiciais

«Os anuncios judiciais continuam a ter inserção GRATUITA»

De «O Cavado», desta vila, de 15 de Maio de 1932.

COMUNICADOS

... Snr. Director do «Espozendense»

Insero o número 1.252, do seu estimado jornal, publicado no dia 18 p. p. uma local subordinada ao titulo «Tribuna Livre» — *Era o que faltava* — a que na devida oportunidade responderemos —, oude o seu auctor, que se esconde no anonimato, afirma que a associação das 4 artes e officios, é uma «associação de fins mais que duvidosos» a par de outras afirmações que pecam pela pouca clareza, com que se acham narradas.

A Direcção da Associação das Quatro Artes de Construção Civil, de Marinhas — Espozende —, verificando nitidamente que, com essa afirmação se pretende atingir a mesma colectividade vem solicitar, para que, no proximo numero do «Espozendense», o auctor da citada local, concretise as suas afirmações, debaixo dos seguintes pontos de vista:

1.º—Que, tendo a Associação das Quatro Artes de Construção Civil de Marinhas—Espozende,—os seus Estatutos devidamente aprovados pelo governo da Republica, os seus fins são reconhecidamente legais, motivo porque se convida o referido auctor, a declarar quais os «fins duvidosos».

2.º—Que a não concretisar as suas afirmações, a esta Associação é reservado o direito, de procurar a melhor forma de forçar o referido senhor a sair do seu anonimato, a ser claro e positivo nas suas considerações; não procurando crear, e foi talvez esse o seu sentido, uma situação de duvida, sobre esta Associação de Classe.

Marinhas—Espozende, 17 de Julho de 1932.

A Direcção da Associação de Classe das Quatro Artes de Construção Civil.

COMARCA DE ESPOZENDE EDITOS DE TRINTA DIAS

1.ª publicação

Por éditos de trinta dias cita-se o Réo Antonio Gomes Penetra, também conhecido por Antonio Sobral, casado, ausente em parte incerta dos Estados Unidos da America do Norte, cidade de Brooklin, para, dentro do prazo de dez dias, findo o dos éditos, impugnar, querendo, a acção de processo sumário em que é —autor— Candido de Sá Hipolito, casado, lavrador da freguesia de Apulia, para pagamento de uma letra do montante de cinco mil escudos, assiuada por sua sogra Henriqueta Ribeiro da Costa, falecida, e que foi da freguesia de Fão, sob pena de se seguirem nos anteriores termos do processo sumario, e ser condenado.

Esposende, 15 de Junho de 1932.

O Juiz de Direito,

Malgueiro.

O escrivão do 2.º officio,

Manuel Fernandes da Costa Lima.

FARINHA PETTORAL FERRUGINOSA

A mais barata de todas as Farinhas e a mais recomendada pelos Medicos

A unica conhecida como mais eficaz para restaurar as forças, dar saude e especialmente para alimentação de CRIANÇAS, ADULTOS E CONVALESCENTES

A' venda em todas as Farmácias, Droguarias e Mercarias

BELEM

Farmácia Franco, Filhos

A 4 ESCUDOS

Uma excelente caixa de papel com 50 folhas e 50 envelopes.

Vende-se nesta redacção

Tacão Ingastavel

Brockman Centi

Este tacão é economico e duradouro.

Aplicado com a Sola Ingastavel Brockman dá ao calçado u na maior durabilidade.

Evita o perigo de escorregar, porque sendo impermeavel não o de borracha, tendo umas capas BROCKMAN substituíveis, o que torna absolutamente economico.

Dirigir pedidos aos unicos concessionarios para Portugal, Ilhas adjacentes e Coloniaes.

SDAV

39—Cancela Velha—Porto

COMARCA DE ESPOZENDE ARREMAÇÃO

1.ª praça

2.ª publicação

PELO Juizo de Direito desta comarca vão á praça, para serem vendidos em hasta publica, no dia 3 de Julho proximo, pelas 12 horas, á porta do tribunal, pelo maior lanço acima da avaliação, os seguintes bens:—

Leira de lavradio na freguezia das Marinhas, e sitio da «Tourinha de Baixo», pelo valor de Esc. **1.248\$00**

Leira de lavradio no sitio ao «Pedriço», da mesma freguezia, pelo valor de Esc. **1.042\$00**

Estes bens pertencem á executada Maria Angela Lopes de Azevedo, menor, desta vila de Espozende, e forâm penhorados na execução movida por Manoel Martins dos Santos, da freguezia das Marinhas.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos, nos termos da lei.

Esposende, 9 de Junho de 1932.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Malgueiro.

FOGÃO

Vende-se um em bom estado, por preço modico.

Nesta redacção se dão informes.

LIVRARIA ESPOZENCENSE

Catalogo

DAS
**OBRAZ FOLK-LORICAS
PORTUGUEZAS**

PUBLICADAS E A PUBLICAR

J. LEITE DE VASCONCELOS

Ensaios Etnograficos:

I vol. 2.^a edição, com 374 paginas, em magnifico papel 6 escudos.

II vol. com 390 paginas, do mesmo autor, (a reimprimir 2.^a edição,) do mesmo autor, preço 6 escudos.

III vol. continuação, no prélo (a reimprimir) com muitas correções feitas pelo autor, contendo 408 paginas preço 6 escudos.

IV vol. do mesmo autor, edição da Livraria Classica, de Lisboa, um grosso volume com 515 paginas, preço 5 escudos.

A. GOMES PEREIRA

Tradições populares de Barcelos, magnificamente impresso, 1 grosso volume de 404 paginas, preço 6 esc.

Toponia dos Concelhos de Terras de Bouros, Povoia de Varzim e Vila do Conde. 1 volume de 22 paginas, do mesmo autor. Preço 3 esc.

Tradições populares, Vocabulario e Toponia da Guarda, do mesmo autor, brochura de 40 paginas. Preço 3 esc.

Tradições Populares de Penadono e seu dialecto. 1 volumezinho, em bom papel. Preço 2 esc.

A publicar:

Linguagem Infantil de Vila Real. 1 vol.

Tradições Populares de Vila Real. 1 vol.

Tradições Populares de Amarante. 1. vol.

Tradições Populares do Porto. 1 vol.

ALBERTO VIEIRA BRAGA

DE GUIMARÃES. Tradições e Usanças populares.

1 grosso volume, com perto de 500 paginas, contendo grande copia das Tradições e usanças populares, (da Terra, do Trabalho, do Amor, do Casamento, da Morte, do Céu, Vária etc. etc.

Preço 6 esc.

A publicar do mesmo autor:

DE GUIMARÃES. II volume.—

Tradições e usanças populares —quadras, adivinhações e linguagem.

DE GUIMARÃES. III volume.

Tradições e usanças populares, constando de contos, arte e industria.

CARDOSO MARTA E AUGUSTO PINTO

Folclore da Figueira da Foz, 1.^o e 2.^o volume com perto de 300 paginas cada um. Cada volume 6 esc.

Contém estes grande copia de tradições populares, divididas em secções especiaes, sendo o repositório mais vasto d'aquella regioa.

CARDOSO MARTA

A sair do prélo:

Folclore do Cadaval. 1 volume com perto de 300 paginas.

CANDIDO AUGUSTO LANHOLT

Tradições Matias. 1 volume si-

nho de 86 paginas. Preço 2 esc.
Subsidios para o estudo do Folclore Infantil Portuguez, do mesmo autor, opusculo muito interessante. Preço 2 esc.

A publicar:

Tradições Populares de Barcelos, com uma introdução pelo eminente homem de sciencia sur. Dr. J. Leite de Vasconcelos.

JOÃO VIEIRA DE ANDRADE

Tradições populares da Provincia do Duro. 1 volume em papel forte. Preço 4 esc.

ALBINO BASTOS

Folclore Lanhosense, contendo 88 canções populares, recolhidas da tradição oral na Povoia de Lanhoso, subsidio para o cancioneiro portuguez. Preço do volume 3 esc.

DR. CLAUDIO BASTO

Comparações Populares Portuguezas. Um interessante e valioso trabalho comparativo. 1 volume. Preço 2 esc. 50 c.

J. DÍGO RIBEIRO

1.^o volume:

Turquel Folclórico. I parte—Superstições, 1.^a secção: Entidades estranhas.—2.^a secção, prejuizos varios. Volume de perto de 100 paginas. Preço do infolio 3 esc.

2.^o volume:

Turquel Folclórico. II parte, contendo uzos e costumes, dividido em duas partes: *Superstições* 1.^a secção. Entidades estranhas, 2.^a parte: Prejuizos varios. Volume igual ao primeiro. Preço 3 esc.

3.^o volume:

Turquel Folclórico, III parte, romances e cantigas, tambem dividido em duas partes distintas, com o mesmo formato e as mesmas paginas. Preço 8 esc.

A publicar:

Turquel Folclórico, IV vol. romances e cantigas.

V. vol. *Contos e facecias*

VI vol. *Ditos e dichotes*.

VII. vol. *Advinhações*.

VIII. vol. *Folclore Infantil*.

IX. vol. *Cantilenas*.

X. vol. *Lendas e Parlenças*.

—*Turquel anedótico*.

—*Carteira etnografica*.

PAIXÃO BASTOS

Cançãoeiro Luzitano. Um volume de 127 paginas contendo um vasto repositório de canções populares do Minho. Preço 3 esc.

J. MARIA SOEIRO DE BRITO

Demósofia. Um elegante volume de 122 paginas, contendo uma grande soma de tradições que muito interessam aos colectores conhecer e confrontar. Preço 3 e. 50 c.

Astronomia e meteorologia popular alentejana. Preço 2 esc.

As Brotas. Preço 1 esc.

Linguagem Infantil. Preço 2 esc.

Poeta Popular Alentejana. Um volumezinho. Preço 2 esc.

SILVA VIEIRA

Cançãoeiro Minhoto.

I. volume, contendo 800 quadras todas regionaes do centro do Minho, com 157 paginas. Preço 5 esc.

A imprimir:

II. vol. com igual numero de canções.

A reimprimir:

Materiaes para a Historia das Tradições populares do Concelho de Espozende, do mesmo collecto, (a reimprimir a 2.^a edição), estando a 1.^a exgo-

tada. Preço 5 esc.

Ranahete de Canções populares, colhidas no concelho de Espozende, pequeno volume, 2.^a edição. Preço 1 esc.

Contas Populares Escolhidos. (Serões d'aldeia), recolhidos por diversos colectores, impresso em papel antigo Preço 2 esc.

Onomastico popular de Espozende, recolhido da tradição oral, edição de 1897.—folio de 16 paginas; Preço 1 esc. (Restam ainda alguns exemplares).

Onomastico popular de Espozende, 2.^a edição, muito aumentada, com todos os alcunhas não entrados na 1.^a, referentes esta vila, e com uma minuciosa collectão de todos os alcunhas referentes ás 15 freguezias de que se compõe o concelho e um apendice do que ha até hoje publicado em Portugal sobre alcunhas.

J. A. PIRES DE LIMA

Tradições Portuguesas de origem possivelment e musulmanas por J. A. Pires de Lima, professor da Faculdade de Medicina do Porto. Contém 17 paginas. Preço 1 e. e 50 c.

No prélo:

Cançãoeiro de S. Simão de Novais, com mais de 500 canções

O dente-santo de Aboim da Nobrega e A Lenda, de S. Frutuoso (Abade), extrato do fasciculo III, vol. I. dos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*.

A Teratologia nas tradições populares. Comunicação feita á secção de Sciéncias Naturaes do Congresso Scientifico do Porto). Trabalho de muito me-

recimento.

F. BRAGA BARREIROS

A entrar no prélo:
Tradições populares de Barroso, concelho de Mogadouro.

ALBERTO PIMENTEL

A Dança em Portugal. Preço 1 e.

ANTONIO THOMAZ PIRES

Setecentas Comparações populares Alentejanas. Um volume de 51 paginas. Preço 3 esc.

A entrar no prélo:

ARMANDO DA SILVA

Vestigios do Totemismo nos Açores Um pequeno volumezinho. Preço 1 esc.

Folk-lore e Dialectologia de Espozende. Preço 2 esc.

DR. LEITE DE CASTRO

Folk-lore Vimaranesense. Um volume 2 esc.

M. M.

A Opala. Preço 1 esc.

THEOFILO BRAGA

O Folk-lore. Pequeno volume. Preço 1 esc.

ABEL VIANA

Vocabulario Minhoto. (Subsidios). Preço 3 esc.

MANUEL BOAVENTURA

Vocabulario Minhoto. Serie de apontamentos sobre lexicografia portugueza, 1.^o volume, letra A a E, (exgotado). 2.^a edição com perto de 1.000 vocabulos novos. Um volume de 200 paginas. (A reimprimir)

II volume da obra, letra F a Z, com 156 paginas. Preço 4 esc.

Sem autor:

Duas Leis. Documentos antigos. Preço 1 esc.

O que é e para que serve o folk-lore. Opiniões de diversos folkloristas. Preço 1 esc.

Pedidos á LIVRARIA ESPOZENDENSE (Secção especial) ou ao seu editor; José da Silva Vieira—ESPOZENDE.

MALAREALINGLEZA



Paquetes correios a sahir de Leixões

Desado em 5 de Julho para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo Buenos-Ayres
Desna em 2 de Agosto de para Rio de Janeiro Santos Montevideo Buenos Ayres
Darro em 30 de Agosto para Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos-Ayres

Estes Paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os paquetes:

ARLANZ em 28 de Junho para Pernambuco Bahia Rio de Janeiro Santos Montevideo
Asturias em 19 de Julho para Rio de Janeiro Pernambuco Bahia Santos Buenos Ayres

ALMANZORA em 2 de Agosto para Madeira Bahia Rio de Janeiro Santos Montevideo e Buenos-Ayres

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.^a classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

Dirigir aos unicos agentes no norte de Portugal:

TAIT & CO.

19, RUA DO INFANTE D. HENRIQUE.—PORTO

ou aos seus correspondentes nas provincias.